

O TRABALHO COM JORNAL NA SALA DE AULA: da informação jornalística à opinião esclarecida

Maria de Lourdes Longhini Trevisani¹
Ana Lúcia Olivo Rosas Moreira²
Maria Terezinha Bellenda Galuch³
Marta Sueli de Faria Sforzi⁴

Este artigo é resultado de pesquisas e reflexões realizadas por um grupo interdisciplinar de professores da Universidade Estadual de Maringá, envolvidos na execução do Projeto **Hemeroteca Pedagógica**⁵. Sua elaboração se impôs por dois motivos. O primeiro para organizar e destacar as principais discussões sobre o uso do jornal na educação escolar. Grande parte destas discussões é resultado de experiências desenvolvidas em todo país, muitas necessárias para que esse recurso ajude a desenvolver no aluno o gosto pela leitura, possibilite perceber os diferentes pontos de vista existentes e melhore sua compreensão da realidade social.

O jornal, enquanto recurso de ensino, ainda não faz parte da rotina de sala de aula da maioria das escolas brasileiras. Isto não é uma característica nacional. Nos Estados Unidos, ressalvadas as distâncias espacial e temporal e as especificidades, apesar de recomendado seu uso desde 1932, a sistematização de sua prática só deu mais vinculada ao trabalho de empresas jornalísticas do que à iniciativa da própria escola no sentido de atualizar seu conteúdo e obter mais qualidade na consecução de seus objetivos.

Em seu artigo "*O jornal e sua história*", Faria (1995:3) atribui ao jornal Zero Hora, de Porto Alegre-RS, o pioneirismo desse trabalho no Brasil. Este jornal mantém programas para professores e alunos desde 1980. A partir de então, atividades semelhantes passaram a ser desenvolvidas por outros jornais, de diversas regiões. No início de 1996, a Associação Nacional de Jornais- ANJ- divulgou a proposta de vinte e cinco jornais, de circulação nacional,, estadual ou regional, que mantêm algum tipo de trabalho com escolas. Ao lado disso, começam a aparecer trabalhos acadêmicos sobre a importância do uso desse material em sala de aula. Um exemplo é a tese de doutorado de Sylvia Bueno Terzi (Unicamp, 1992) que mostra a necessidade de adaptar-se a leitura à realidade dos alunos, crianças, filhas de pais analfabetos, bons e interessados leitores. Por sua vez, Marques de Melo (In: Faria,

¹ Professora Adjunto do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM.

² Professora Assistente do Departamento de Biologia da UEM.

³ Professora Assistente do departamento de Teoria a Prática da Educação UEM.

⁴ Professora Assistente do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM.

⁵ Projeto patrocinado pela VITAE, desenvolvimento entre fevereiro de 1996 e junho de 1997.

1994:13) critica a predominância do texto literário nas aulas de português e vê o jornal como um meio de superar esta prática por possibilitar o desenvolvimento da consciência cidadã, tornando as crianças leitores não só de textos mas do mundo.

Em favor do uso do jornal em sala de aula está ainda a questão da língua escrita enquanto modelo utilizado e valorizado socialmente. Conforme destaca Faria (1994:12), pautada em Nilson Lage, ...” *a linguagem jornalística oferece uma espécie de “português fundamental”, uma língua base, não tão restrita que limite o crescimento lingüístico do aluno e nem tão ampla que torne difícil ou inacessível o texto escrito ao comum dos estudantes*”.